



Nas entrelinhas

por Luiz Carlos Azevedo
luizazevedo.df@dabr.com.br

Pg. 03
nº 18.738

Luiz Carlos Azevedo



CORREIO BRAZILIENSE

14 SET 2014

Agora é com as ruas

A disputa eleitoral chegou ao momento mais decisivo, a duas semanas do pleito, cuja principal característica é a volatilidade das intenções de voto da maioria dos eleitores. É uma situação na qual tudo o que é sólido pode se desmanchar e todo cuidado é pouco.

No momento, a presidente Dilma Rousseff (PT) lidera a disputa no primeiro turno; Marina Silva (PSB) está em ligeira vantagem no segundo turno; e Aécio Neves (PSDB) aposta tudo numa mudança de cenário no qual possa avançar graças à “desconstrução” da candidata do PSB.

As últimas pesquisas mostram mais ou menos isso, mas nada impede que o quadro possa se modificar radicalmente até 3 de outubro. A recuperação de Dilma Rousseff nas pesquisas é atribuída à melhora de avaliação de seu governo pela população, em consequência da maciça propaganda feita na televisão.

Pesaram para configuração desse cenário os duros ataques contra Marina Silva, que deverão

O eleitor está cada vez mais consciente de que seu desejo expresso nas urnas será respeitado. É daí que pode vir a alternância de poder — e não do bla-bla-blá nas redes sociais

continuar, do pescoço pra cima, como aconteceu em relação às polêmicas sobre o pré-sal e o Banco Central. Sem falar nos desacertos iniciais do PSB em relação ao programa de governo, no confinamento de sua campanha a ambientes fechados e no pouco tempo de televisão.

A grande interrogação na disputa eleitoral entre o governo e a oposição é a capacidade de recuperação de Dilma Rousseff na reta final de campanha. A melhora dos índices de aprovação do governo é a grande aposta do marqueteiro João Santana, em razão da vantagem

proporcionada pelo maior tempo de televisão.

A candidata, porém, parece que tomou gosto pela radicalização do discurso político, recidiva de seu voluntarismo juvenil, e pela pancadaria verbal, na qual sempre cresce diante dos adversários, como ficou demonstrado quando disputou a Presidência em 2010.

Rejeição

Ocorre que a campanha de Dilma tem um ponto fraco: o desgaste eleitoral do PT é muito grande, tanto que a legenda vai mal das pernas nas eleições majoritárias e proporcionais na maioria dos estados.

Além disso, é elevado o índice de rejeição de Dilma Rousseff, da ordem de 42%, segundo a pesquisa do Ibope, contra 25% de Marina e 36% de Aécio. Se persistir nos ataques, o risco da rejeição aumentar é grande.

Dilma pode perder a eleição no segundo turno. Hoje, esse é o cenário provável diante das tendências atuais do processo eleitoral. Quais seriam os demais cenários? A desidratação da candidatura de Dilma, a essa altura do campeonato, parece improvável. A presidente Dilma conseguiu manter sua coalizão unida, conta com o empenho pessoal e decisivo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em sua campanha e está com o PT na ofensiva contra os adversários.

O cenário alternativo seria a volatilização da candidatura de Marina Silva, sob o fogo cerrado dos adversários, inclusive Aécio Neves (PSDB). O risco desse cenário é o fortalecimento da candidatura de

Dilma, para onde estariam migrando os votos perdidos por Marina Silva, provocando um desfecho já no primeiro turno.

Esse risco, porém, é limitado pela radicalização do discurso político da presidente da República, sobretudo em relação à economia, que espanta o *establishment*, e pelo desgaste provocado por escândalos envolvendo o PT, como o “mensalão” e as maracutaias na Petrobras, que causam ojeriza à parcela significativa da sociedade.

De qualquer maneira, a disputa eleitoral está na boca do povo, nos trens e metrô, nos bares e restaurantes, feiras e supermercados, farmácias e padarias, barbeiros e loterias esportivas. A campanha de rua deve ganhar mais intensidade. Isso pode ser decisivo numa disputa muito emparelhada.

Ninguém vai levar o eleitor a votar puxando-o pelo nariz. Graças ao voto secreto, direto e universal, com eleições a cada dois anos — temos a maior democracia de massas do mundo —, o eleitor está cada vez mais consciente de que seu desejo expresso nas urnas será respeitado. É daí que pode vir a alternância de poder — e não do bla-bla-blá nas redes sociais.